

**POBRES DE/EM ESPÍRITO: TRADUÇÃO E REVISÃO DO  
DATIVO NA JFA NO EVANGELHO DE MATEUS (MT 5.3)**

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[nataniel@uems.br](mailto:nataniel@uems.br)

*Fernando Glória Caminada Sabra* (UEMS)

[fernandosabra@gmail.com](mailto:fernandosabra@gmail.com)

**RESUMO**

A Bíblia traduzida do hebraico e do grego por João Ferreira de Almeida para o português representou um marco em nossa língua. Foi a primeira tradução feita a partir dos textos em suas línguas considerados originais, tornando-se o texto mais lido e reproduzido em todo o mundo de língua portuguesa. A tradução passou por inúmeras revisões ortográficas, de estilo e de tradução, e, em sua última revisão realizada pela Sociedade Bíblica do Brasil NOMINADA, Nova Almeida Atualizada, a tradução do Evangelho de Mateus, capítulo 5, verso 3, “pobres de espírito”, foi revisada para/EM “pobres em espírito”, as razões para tal mudança estão relacionadas a compreensão do caso dativo grego. Explicitar os motivos pelos quais Almeida traduziu o artigo dativo, o substantivo a ele relacionado e os motivos da revisão serão analisados e explicados por meio do estudo do uso e tradução do dativo grego, em uma pesquisa bibliográfica qualitativa a partir dos gramáticos e lexicógrafos reconhecidos como especialistas no grego clássico e comum, dentre eles, Adrados (1992), Freire (2001), Louw (1992), Liddel (1940), Luz (1991), Murachco (2001), Wallace (2009), Robertson (2006).

**Palavras-chave:**

Bíblia. Dativo. Tradução

**ABSTRACT**

The Bible translated from Hebrew and Greek by João Ferreira de Almeida to Portuguese represented a milestone in our language. It was the first translation made from texts in their original languages, becoming the most read and reproduced text in the Portuguese-speaking world. The translation went through numerous spelling, style and translation revisions, and in its last revision carried out by the Biblical Society of Brazil, Nova Almeida Atualizada, the translation of the Gospel of Matthew, chapter 5, verse 3, “humble in spirit”, has been revised to “poor in spirit”, the reasons for such a change are related to the understanding of the Greek dative case. Explain the reasons why Almeida translated the dative article, the noun related to it and the reasons for the revision will be analyzed and explained through the study of the use and translation of the Greek dative, in a qualitative bibliographic research from grammarians and lexicographers recognized as specialists in classical and common Greek, among them, Adrados (1992), Freire (2001), Louw (1992), Liddel (1940), Luz (1991), Murachco (2001), Wallace (2009), Robertson (2006).

**Keywords:**

Bible. Dative. Translation.

## **1. Introdução**

O presente artigo possui como objetivo analisar e explicar a tradução de João Ferreira de Almeida, doravante JFA, Mateus capítulo 5, versículo 3, em que o tradutor da primeira versão integral que tinha como fonte os textos do hebraico, aramaico e grego, traduz o dativo grego presente na primeira bem aventurança por: “Bem aventurados os pobres – *de espírito* (dativo singular) –, porque deles é o reino dos céus.” A tradução do dativo, “...de espírito...”, foi revisado para, “...em espírito...” no último projeto da Sociedade Bíblica do Brasil – SBB, a Nova Almeida Atualizada, doravante NAA.

A revisão não deveria causar estranheza, pois boa parte das traduções patrocinadas pelas Sociedades Bíblicas Unidas, entidade mundial da qual a SBB faz parte, já traduzem ou revisaram o dativo singular, *de espírito*, para *em espírito*. Mas esta revisão muda uma tradução que permaneceu por 336 anos.

Responder as razões para tal revisão é o maior deste trabalho, assim como, apresentar possíveis razões para a tradução de JFA, em 1681, “de espírito”.

## **2. JFA traços biográficos e acadêmicos**

João Ferreira de Almeida nasceu em Torre de Tavares, em Portugal, no ano de 1628. Faleceu em 1691, aos 63 anos, na distante Indonésia. Com 14 anos de idade vai e, a seguir, para Málaca, nas chamadas Índias orientais, terminando por se estabelecer na ilha de Java, atual Indonésia, onde em 1619 os holandeses estabeleceram a sede de governo da Companhia das Índias Orientais (Cf. SCHOLZ, 2005). A sua conversão ao protestantismo ocorreu, também, aos 14 anos, por meio da leitura de um folheto em língua espanhola, “Diferença da Cristandade”.

Em 1654 dá início a sua formação teológica para o ministério cristão reformado, que embora não se saiba o local, ou instituição, o levou ao estudo do grego e do hebraico, considerando a importância dada as línguas originais nos arraiais reformados com a finalidade do estudo e exposição da Bíblia, o que permitiu a JFA a tradução das Escrituras Sagradas dos cristãos.

A fim de evangelizar os falantes de comunidades de língua portuguesa naquela região, termina em 1676a tradução do Novo Testamento,

que foi publicado em 1681. Apesar dos erros tipográficos, é um marco da língua portuguesa restando apenas quatro exemplares atualmente.

O trabalho de JFA continuou, não se sabe exatamente quando deu início a tradução da bíblia hebraica, e, embora tenha falecido em 1691, deixou acabada a tradução do Antigo Testamento até o livro do profeta Ezequiel, capítulo 48, versículo 21. A tarefa de concluir a tradução de Ezequiel, do profeta Daniel e dos profetas menores, coube ao pastor reformado, Jakobus op den Akker, em 1694.

O Novo Testamento contou com edições sucessivas e o Antigo Testamento foi publicado em segmentos, somente em 1819, a Bíblia completa em um volume foi publicada pela Sociedade Bíblica Britânica (Cf. CAVALCANTE, 2013)

Em trabalhos recentes, foi demonstrado que JFA utilizou o texto grego disponível naquele momento, conhecido como, *textus receptus*, texto recebido, distante das edições críticas contemporâneas quanto ao método de estabelecimento do melhor texto, mas, segundo Cavalcante (Cf. CAVALCANTE, 2013) pode ser assegurado que não há variante textual no caso de Mateus (Mt 5.3). Deve ser destacado, ainda, que nos recentes trabalhos, bastante rigorosos, não há nenhuma variante quanto ao caso dativo singular no texto evangélico, o que exclui a possibilidade de se compreender a tradução de JFA, “de espírito”, como resultado de uma variação textual.

### **3. Os casos na língua grega**

As línguas oriundas do protoindo-europeu herdaram o que se convencionou a chamar de casos (Cf. GONÇALVES, 2015). Os casos são as alterações, flexões, pelas quais a palavra passa, fora da sua raiz, a fim de determinar a sua função sintática. A língua grega possuía seis classes gramaticais declináveis.

O protoindo-europeu possuía oito casos, a saber, o nominativo, o vocativo, o genitivo, o dativo, o acusativo, o ablativo, o instrumental e o locativo. Murachco (2001), assim como Luz (1991), defendem que embora no grego existam cinco formas ou flexões, permanecem na língua clássica e comum os oito casos. Deste modo, o ablativo possui a mesma forma do genitivo, e o instrumental e o locativo possuem a forma do dativo. Murachco é enfático em sua defesa da existência e permanência dos oito casos surpreendendo por sua veemência.

O latim, por sua vez, possui a mesma situação do grego (JARA, 2013), pois os oito casos permanecem, mas diferente do grego, em seis flexões, nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e o ablativo, este inclui as funções do instrumental e locativo. Os casos são classificados, inicialmente, em retos e oblíquos (Cf. JARA, 2013). Os casos retos são, o nominativo, o vocativo e o acusativo, e os oblíquos são, o genitivo e o dativo.

Importante que se apresente as funções básicas dos casos, pois algumas gramáticas, sobretudo as que se propõem ao estudo avançado da língua grega, explicam os casos gregos detalhadamente, o que ajudará na explicação sobre a revisão efetivada na versão, NAA, e das possíveis razões pelas quais JFA opta em traduzir o dativo por, “de espírito”.

### **3.1. Nominativo**

O nominativo é o caso em que o substantivo, ou equivalente, possui a função de sujeito da oração. O nominativo, também pode designar o complemento predicativo, o apelo, o atributo, o aposto.

### **3.2. Vocativo**

O vocativo é o caso da interpelação, da exclamação, da saudação, das invocações, da interjeição. Segundo Luz (1991), no grego comum o vocativo já começava a deixar de ser usado, passando o nominativo a ocupar esta função

### **3.3. Acusativo**

O acusativo, como um dos casos retos, é o caso do objeto direto, portanto, o complemento dos verbos transitivos diretos, sem a necessidade de preposições. Pode ocorrer também como complemento circunstancial indicando, medida, duração, direção, nestes casos recebe preposição.

### **3.4. Genitivo**

O genitivo é o caso da relação de posse, o caso do adjunto adnominal, expressando qualidade ao nome relacionado. Quando ocupa a função ablativa, indica a procedência, a origem, a proveniência, o ponto de par-

tida, o agente da passiva.

### **3.5. Dativo**

O último caso, geralmente é colocado nesta posição por ser o oblíquo com o maior número de funções, dativo próprio, instrumental e locativo. É o caso mais complexo e com o maior número de variações, ocupando uma vasta seção nas gramáticas de Luz (1991, p. 81-7), Mura-chco (2001, p. 107-15), Wallace (2009, p. 140-75), por exemplo. Devido ao objetivo do artigo, serão apresentados os aspectos mais relevantes deste caso e identificando-se a função que compreende o evangelho de Mateus, Mt 5.3.

O dativo simples não apresenta maiores dificuldades para a sua compreensão, pois é o caso do objeto indireto, o caso que nesta condição geralmente vem acompanhado de preposição, o que facilita a sua identificação e compreensão.

A função instrumental, como o próprio nome sugere, indica o instrumento, o meio ou o processo que se realiza, a quem, por meio de quem e a que se destina a ação verbal.

A função locativa indica o espaço, o tempo, o lugar, e, conforme Alexandre (2017) pode indicar como lugar, inclusive, a pessoa, o que corresponde ao texto em estudo. O que explica a função locativa no caso estudado.

O dativo é descrito exhaustivamente em todas as gramáticas nominadas nas referências, portanto, são destacadas algumas no corpo do artigo, privilegiando autores ligados ao estudo do texto em questão para o maior proveito da pesquisa, mas todas são categóricas na afirmação da importância e complexidade do dativo grego.

## **4. O texto, tradução, revisão e análise**

A última parte deste trabalho apresentará a tradução de JFA, o texto grego e o a tradução da última revisão, NAA, para a identificação do dativo singular. A seguir, será realizada a apresentação da classificação do dativo singular locativo e a sua descrição, assim como, a justificativa para a alteração da preposição e as possíveis razões da primeira tradução de JFA, publicada em 1681.

#### **4.1. O texto grego, a tradução e a revisão**

O texto grego utilizado por JFA não recebeu nenhuma variante no processo de crítica textual, como afirmado anteriormente, permanecendo estável na forma a seguir, a tradução e a revisão estão em seguida, e o dativo está identificado em negrito em todas as versões:

**Mateus 5:3** Μακάριοι οἱ πτωχοὶ τῷ πνεύματι (Dativo Singular – substantivo), ὅτι αὐτῶν ἐστὶν ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν.

JFA (1681) Bem-aventurados os pobres **de espírito**, porque deles é o reino dos céus. (Dativo Singular – substantivo)

JFA (NAA-2017) Bem-aventurados os pobres **em espírito**, porque deles é o reino dos céus.

#### **4.2. A função do dativo em Mt 5.3**

A identificação do dativo no texto grego não é difícil para o analisar no grego. A dificuldade está em identificar se o dativo é próprio, instrumental, ou locativo.

O dativo, nesta situação não pode ser um dativo próprio, pois não cabe o objeto indireto no texto estudado. A função instrumental também é excluída pelos estudiosos, pois não há indicação de instrumentalidade, meio, processo que se realiza, ou, a quem e a que se destina a ação verbal. O caso dativo, portanto, é compreendido pelos exegetas, de acordo com as referências e pelos autores citados no corpo do artigo, como locativo de esfera, ou seja, o local, o espaço, onde ocorre a ação e esta ligada a pessoa, o que corresponde integralmente ao texto.

O dativo locativo, neste caso, segundo Wallace (2009), indica a esfera ou a dimensão em que a palavra com a qual se relaciona o dativo ocorre ou existe. Wallace prossegue explicando que, neste caso, o locativo compreende a palavra com a qual está ligado como uma coisa só, equivalendo a um advérbio. Deste modo, a tradução mais precisa é, “... pobre **em espírito**...”, devendo ser compreendida por: “espiritualmente pobres”, no caso de Mateus, Mt 5.3. (Cf. LOW, 2013), por exemplo, corrobora com a afirmação de Wallace, entre outras obras presentes nas referências.

A função locativa indica o espaço, o tempo, o lugar, e (Cf. ALEXANDRE, 2017) pode indicar como lugar a própria pessoa, o que cor-

responde ao texto em estudo, como já afirmado.

A análise do caso dativo em sua função locativa pode ser afirmado que o dativo singular em Mateus, Mt 5.3, pode ser traduzido *em espírito*, o que privilegia a literalidade do caso, e se este é o propósito da revisão, o objetivo foi alcançado.

Uma pergunta permanece: Qual o motivo de JFA traduzir, *de espírito*?

A resposta pode ser o dativo de posse, o que se encaixa plenamente em Mateus, Mt 5.3, segundo Malhadas, Luz e Wallace, e, considerando a concordância dos autores, uma citação é suficiente:

Aparece o dativo em cláusula, dativo de posse, cuja inflexão verbal é forma do auxiliar EIMI, ser, ou, acontecer, tornar-se, ou subsistir, expressando o possuidor, enquanto o elemento possuído é o sujeito, regularmente posto em nominativo, se finita a forma verbal. (LUZ, 1991, p. 84)

Malhadas (1985) acrescenta um elemento importantíssimo no estudo do caso, o verbo “ser”, *eimi* (εἶμι), na língua grega, pode estar implícito.

O uso da preposição “de” como locativa é a outra possibilidade. Os gramáticos preveem esta situação e, apesar da simplicidade, pode ser uma das razões de escolha de JFA.

## 5. Considerações finais

João Ferreira de Almeida foi um tradutor competente e marcou a língua portuguesa com a sua tradução das escrituras.

A sua escolha ao traduzir o dativo, *de espírito*, pode ser justificada e, em hipótese alguma, ser explicada por alguma incompetência quanto ao conhecimento da língua grega.

O fato de não haver nenhuma explicação dada pelo próprio autor deixa a questão aberta, o que permite novas pesquisas e estudos para a elucidação da tradução realizada por JFA.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, João Ferreira de. *Novo Testamento*. Amsterdam: J.V. Zomerren, 1681.

ALMEIDA, João Ferreira de. *Bíblia Sagrada: Revista e Atualizada no Brasil Nova – Versão Nova Almeida Atualizada*. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. *Exegese do Novo Testamento: um guia básico para o estudo do texto bíblico*. São Paulo: Vida Nova, 2016.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1977.

CAVALCANTE FILHO, Jairo Paes. *O método de tradução de João Ferreira de Almeida: O caso do evangelho de Mateus*. SBS: UMESP, 2013.

DANA, Julius. *Manual de gramática del Nuevo Testamento grego*. Buenos Aires: CBP. 1979

EGGERS, Quéfren de Moura. *Sensibilidade, inteligibilidade e tradição em tradução bíblica: um comentário sobre o projeto de revisão datradução de João Ferreira de Almeida na versão brasileira Revista e Atualizada*. São Paulo: USP, 2019.

FREIRE, Antonio. *Gramática Grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

JARA, Inmaculada Delgado. *Gramática griega del Nuevo Testamento: morfologia*. Navarra: Verbo Divino, 2013.

JARA, Inmaculada Delgado. *Gramática griega del Nuevo Testamento: Sintaxis*. Salamanca: Servicio de Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca, 2011.

LOW, Joahannes. *Léxico grego-português do Novo Testamento baseado em domínios semânticos*. São Paulo: SBB. 2013.

LUZ, Waldyr Carvalho. *Manual de língua grega*. São Paulo: CEP, 1991.

MALHADAS, Daise; NEVES, Maria Helena de Moura Neves. *Curso de grego: propedêutica*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

MOUNCE, William D. *Fundamentos do grego bíblico*. São Paulo: Vida, 2013.

MURACHCO, Henrique. *Língua grega: visão demântica, lógica, orgânica e funcional*. São Paulo: Discurso/Vozes, 2001.

RAGON, Elói. *Gramática grega*. São Paulo: Odysseus, 2011.

SCHOLZ, Vilson. As traduções da bíblia publicadas pela sociedade bíblica do Brasil: breve histórico e características. *Rev. Pistis Prax., Teol.*

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

*Pastor*, v. 8, n. 1, 73-88, Curitiba, jan./abr. 2016.

TAYLOR, William Carey. *Introdução ao estudo do Novo Testamento grego*. Rio de Janeiro: JUERP, 1990.

WALLACE, Daniel. *Gramática grega: uma sintaxe do Novo Testamento*. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2009.